

## ENTREVISTA JOSÉ-AUGUSTO RODRIGUES

Nasceu em Lagos, a escassos metros da Meia-Praia, filho de uma família de pescadores.

Enquanto menino era um sonhador que alimentava devaneios de um dia voar pelo mundo para além dos



barcos ancorados nas areias do Algarve.

Um adolescente apaixonado por desenhos e rabiscos. Porém, um rebelde inconformado com as injustiças do regime fascista vigente em Portugal nos anos 60.

Um artista inspirado que via nos objectos a oportunidade de os transformar. Um inconformado que não aceitava amarras, quer fossem regras impostas, quer fossem outro tipo de laços.

Afinal, quem é o arquiteto e professor de História da Arte da UTIS José-Augusto Rodrigues?

“Sou um pouco de tudo isso”, admite. “Nasci junto ao mar, em Lagos, e, sendo filho único, inventei sonhos entre ondas, areia e barcos, foi a minha maneira de fugir à falta de ter com quem brincar”.

Aos 12 anos, José Augusto teve que ingressar na escola técnica local, a única maneira de fugir ao destino de pescador que parecia estar-lhe destinado. Já adolescente foi trabalhar para o atelier de um arquiteto de Lagos que lhe designou a tarefa de apagar os traços a tinta da china que não estavam corretos. “Não se utilizava borracha, tinha que raspar os riscos com uma lâmina de barbear”, detalha.

Nesse andar, o apagador de riscos chegou à idade de prestar o serviço militar.

“Por sorte, talvez por nessa altura ser ágil, fui selecionado para ser oficial miliciano”. Já oficial foi instrutor de topografia na Escola prática de Artilharia em Vendas Novas. Assim, foi adiando a ida para a guerra colonial.

Sorte que não foi lá muito bem aproveitada: entre exercícios e manobras, o jovem instrutor, descuidadamente, ia manifestando as suas opiniões políticas, contrárias ao regime vigente, claro.

“Num fim de tarde, em 1972 fui preso e levado para o Forte de Elvas, uma prisão militar de péssima fama pelo ‘trato’ que dispensava aos hóspedes”, ironiza. “Lá estive alguns meses sempre isolado e guardado dia e noite por soldados armados”. Meses depois fui expulso do exército e levaram-me para a prisão civil do Forte de Caxias, onde fui torturado para confessar as falsas acusações, entre elas, de que tinha desviado explosivos do quartel de Vendas Novas. Nunca desvendei nada, pois não eram verdade as acusações. Mas não gosto de falar sobre isso, são ondas passadas na praia da vida”.

Foi novamente entregue ao Exército, e logo preso, desta vez o destino foi o Forte da Trafaria, onde esteve mais um ano em cativeiro. “No total, foram mais de dois anos de cárcere, mas pelo menos não fui à guerra colonial”. Até ao dia que chegou o 25 de abril, quando foi libertado.

“Fui libertado pelos meus camaradas da Escola Prática de Artilharia que tinham tomado o Cristo-Rei,

em Almada. “Foram, ao Forte da Trafaria libertar-me, e acabei assumindo o comando da prisão. Passei de prisioneiro a carcereiro num instante”.

Ainda continuou ligado ao Exército durante alguns meses, voltando a Vendas Novas à Escola Prática de Artilharia. “Nessa época, enquanto militar, estive ligado ao período revolucionário que se viveu. Foi lá, em Vendas Novas, que casei pouco tempo depois, e ali nasceu a minha única filha”.

Com o sangue inquieto a correr-lhe nas veias, o jovem oficial despede-se da vida militar e vai buscar novas aventuras em Lisboa. Conseguiu trabalho com um arquiteto amigo dos tempos de Lagos. “Vivia num prédio enorme, devoluto, na rua Damasceno Monteiro, trabalhava de dia e estudava à noite”. Anos depois ingressou na ESBAL e, passados cinco anos o diploma de arquiteto estava conseguido.

Um belo dia, em 1985, sem mais nem menos, embarcou, “sem destino... sem nada”, num comboio e desceu em Santarém. Porquê Santarém? “Por nada. O revisor disse Santarém, e desci. Desembarquei aqui sem conhecer nada sobre a cidade e, ainda na estação, perguntei onde havia uma escola onde pudesse ensinar desenho e geometria descritiva. Indicaram-me a Escola Industrial e Comercial – hoje Ginestal Machado – fui admitido, e lá leccionei durante alguns anos”.

A vida tomou novo rumo. Foi convidado para ingressar nos quadros técnicos da Câmara de Santarém para ser o coordenador técnico do Centro Histórico da cidade.

Mas, apesar de se ter fixado na capital ribatejana, sonhava em abraçar maiores horizontes.

“Em 2006, deixei a Câmara de Santarém onde nunca senti grande gosto de trabalhar.” Passou a exercer a profissão de arquiteto em modo liberal. Desenvolveu projetos para todo o país e também para Angola. Durante alguns anos ia e vinha de Angola para Portugal, uma ou duas vezes por mês. “Nunca ficava lá muitos dias seguidos.” “Mais tarde desenvolvi projetos em Timor Leste mas, por ser mais longe, já não ia e vinha com a mesma frequência”.

A mesma inconformidade que levou o menino da Meia Praia a procurar outros cenários para a sua trajetória profissional também atuou ao nível das emoções românticas. Seguindo a tradição dos velhos marinheiros, o arquiteto também teve amores em vários portos onde desembarcou. Quantos? Ele prefere não dizer.

Mas finalmente fincou âncora numa relação que já dura há quase 20 anos.

Em 2011 ingressou na UTIS, tendo, mais tarde começado a leccionar a disciplina de História da Arte.

“O que é para mim Arquitetura? Arquitetura é a Arte construída e vivida, para o usufruto e abrigo das pessoas. Aliás, penso que a Arquitetura é a culminação tridimensional da Arte. Com o mesmo respeito que a escultura me merece”.

Relembrando a infância José Augusto reconhece que lutou bravamente, e venceu. “Atingi o meu sonho de menino – ser arquiteto. “Dos meus amigos de infância fui o único que saiu de lá e seguiu uma vida diferente. A vida era muito difícil naquela época em Lagos, era preciso ter muita coragem, e até uma certa imprudência, para escapar daquele destino tão estreito, mas com o horizonte do mar sempre presente. Mas chegar ao dia de me tornar arquiteto era a minha razão de viver”, resume.

Rejane Wilke

## Que futuro para o nosso planeta?

Desde notícias nos meios de comunicação social a debates, desde informações pouco esclarecedoras a comunicações esclarecidas e estudadas tem-se ouvido de tudo um pouco no que se refere a alterações de comportamento deste que é o nosso planeta.

Buraco negro? Poluição? Alterações climáticas? Saturação dos solos? Está em perigo a biodiversidade? Estamos mais sensíveis ao desenrolar de um desenvolvimento sustentado?

Na procura de informação creditada li este livro de um srenhor observador atento a esta natureza que habitamos, o mesmo que nos deleitou durante anos com os seus documentários da BBCA.

Leitura agradável que recomendo.

Ana Vieira

### SINOPSE



«Para a vida prosperar neste planeta, tem de existir uma imensa biodiversidade. Só quando milhares de milhões de organismos conseguem tirar o máximo partido de cada recurso e oportunidade que encontram, e só quando milhões de espécies vivem vidas que se interligam de modo a sustentarem-se umas às outras é que o planeta pode funcionar com eficiência. Quanto maior for a biodiversidade, mais segura será toda a vida na Terra, incluindo nós próprios. Contudo, o modo como nós, seres humanos, vivemos hoje na Terra está a colocar a biodiversidade em declínio. O mundo natural está a desaparecer aos poucos. As provas estão por toda a parte. Aconteceu durante a minha vida. Eu vi com os meus próprios olhos. »

PROJECTO UTIS\_NA LINHA.20  
JORNALISMO  
E COMUNICAÇÃO

ANO III  
NÚMERO 16

MAIO 2021



JORNAL DA

# UTIS

## 9º Concurso de Fotografia da UTIS "Jardins Públicos de Santarém"

Foram anunciadas a 31 de Maio passado, no site da UTIS e na Exposição que está patente Online, as fotos vencedoras do 9º Concurso de Fotografia da Universidade da Terceira Idade de Santarém.

“Os Jardins Públicos de Santarém” constituíram o tema da edição deste ano, que obrigava à escolha de espaços ao ar livre para cumprimento das normas da era covídica que se vive, sem deitar por terra os objetivos de promoção do interesse pela fotografia e de divulgação e valorização do património local, inerentes à filosofia do concurso.

O número 13 correspondeu ao total dos que se desafiaram a um novo olhar sobre os jardins da nossa cidade, em busca do pormenor, do ângulo mais criativo, da melhor luz, e do qual resultaram as 34 fotos participantes, que quem ainda não viu tem oportunidade de o fazer através de uma visita virtual à nossa Exposição.

Coube ao público a responsabilidade de

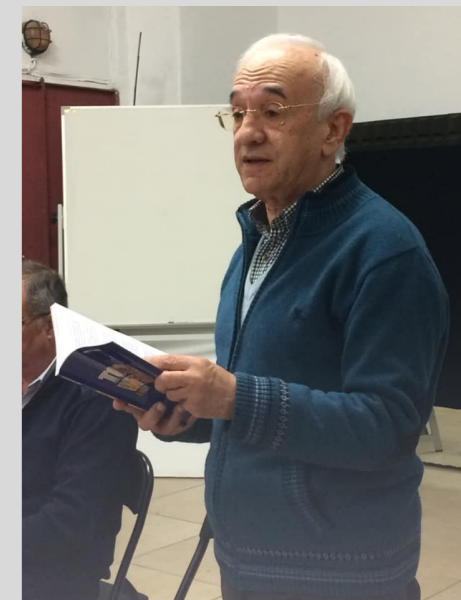
decidir com o seu voto as fotos vencedoras e, após uma muito disputada votação, destacaram-se respectivamente para os 1º, 2º e 3º lugares as seguintes fotografias: "O caminho faz-se caminhando, não há volta a dar...", da aluna e professora Ana Afonso Simão; "Soldado Desconhecido", da aluna Fátima Wenceslau; "Coreto" e "D. Afonso Henriques", da mesma aluna.

A organização decidiu ainda atribuir quatro Menções Honrosas.

Aos participantes neste Concurso - Álvaro Nuno Costa, Ana Afonso Simão, Ana Isabel Vieira, Cidália Santos Aguiar, Dúnia Palma, Fátima Wenceslau, João Duarte, José Bento Sampaio, José Tiago Sardinha, Lídia Frade, Manuel Cabral, Manuel Castanheira e Maria José Dionísio – um agradecimento especial por terem aceite o desafio. Estão todos de PARABÉNS!

Cristina Jorge

## Partiu o “NOSSO” Chona



Perdemos mais um grande amigo.

O NOSSO Chona.

O Homem que tantas e tantas vezes representou a UTIS e a dignificou à frente do grupo de Teatro, do qual era professor, ensaiador, encenador.

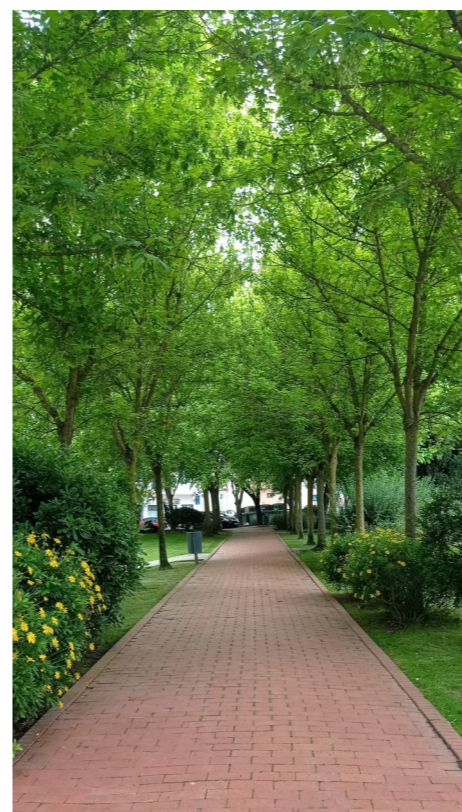
O Homem sempre disponível para colaborar, que não declinava um pedido ou um desafio.

Um Homem de causas, de convicções, de cultura, de arte.

Um homem de Santarém.

Um ser humano muito especial com quem tivemos o privilégio de nos cruzar e a quem estamos infinitamente gratos por tudo o que nos deu e ensinou.

Cristina Jorge



### 1º prémio

"O caminho faz-se caminhando, não há volta a dar..." Ana Simão



2º prémio "Soldado Desconhecido"  
Fátima Wenceslau



3º prémio "Coreto" Fátima Wenceslau



3º prémio "D. Afonso Henriques"  
Fátima Wenceslau



## Sobre a Liberdade de Expressão

“Sou a favor da liberdade de expressão”, esta poderia ser uma afirmação proferida por qualquer um de nós, sem exceção. Vivemos em democracia, e viver em democracia é, entre muitos outros, assumir o direito de nos expressarmos livremente. No entanto, importa questionar se, ser a favor da liberdade de expressão, significa que se seja a seu favor em quaisquer circunstâncias. Questionando de uma forma mais direta e objetiva: Deverá a liberdade de expressão ter limites? Teremos boas razões (em democracia) para a limitar?

Pretendo, neste pequeno texto, defender, sustentada na perspectiva de Stuart-Mill, que “o único fim para o qual o poder pode ser corretamente exercido sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada, contra a vontade deste, é o de prevenir dano a outros.” Mas, se aceitarmos este princípio, que posição deveremos tomar relativamente à liberdade de expressão? Considero que, neste contexto, devemos fazer uma distinção conceptual entre “causar dano” e “ofender”. O conceito de dano está diretamente relacionado com “fazer estrago” ou causar um prejuízo a alguém, nomeadamente em termos físicos, morais ou patrimoniais. Por isso, aceitar o princípio do dano não é aceitar “um princípio de ofensa”. Causar dano e ofender são coisas muito distintas. Se nos debruçarmos sobre o conceito de ofensa, veremos que este está associado à afronta e ao ressentimento sentido por alguém que supostamente foi confrontado com uma perspectiva ou opinião com a qual não concorda, ou de uma forma mais profunda, o repugna (no conteúdo ou na forma). Isto acontece constantemente em várias áreas da vida pública. Aconteceu no caso paradigmático das caricaturas de Maomé, mas acontece sempre que nos confrontamos com afirmações racistas ou homofóbicas, a título de exemplo. Não deixa de ser verdade que ouvir determinadas expressões ou assistir a determinadas manifestações públicas de determinado teor (racista ou homofóbico, por exemplo), nos deixa horrorizados, sentindo muitas vezes uma repugnância tal que a tendência mais imediata será silenciar tais pessoas, proibindo determinado tipo de manifestações. Mas será que o devemos fazer? O facto de uma afirmação causar ofensa será condição suficiente para a censurar ou silenciar? Considero que não. Não posso afirmar que qualquer dessas afirmações sejam causadoras de algum tipo de dano, e a ofensa é claramente um estado subjetivo, muito difícil de determinar. Limitar a liberdade de expressão com base na ofensa, pode ser perigoso e altamente indesejável, pondo claramente em risco um

sistema democrático. Por outro lado, silenciar ou censurar alguém por se acreditar que o que ele defende é falso, é assumir uma posição de infalibilidade, que não é própria do ser humano. Na verdade, também aqui é necessário distinguir dois conceitos: verdade e certeza. A certeza, neste contexto, não passa de um estado psicológico, que claramente se distingue da verdade. Ora, reconhecer a nossa falibilidade é condição absolutamente necessária para pensar melhor no sentido da procura ou busca da verdade. É na oposição e na discórdia que conseguimos progredir na busca da verdade, sendo para tal necessário abandonar inúmeras certezas. Silenciar afirmações falsas (embora seja tentador), é assumir que estas não devem ser discutidas. Mas, precisamente porque são falsas, estas devem discutir-se. Só a argumentação racional e o confronto de ideias podem conduzir à verdade e ao progresso civilizacional.

Assim, considero que nem a ofensa nem a afirmação de posições falsas ou aberrantes são condições suficientes para a limitação da liberdade de expressão. Diria até que são, muitas vezes, a ofensa e a manifestação pública de posições falsas ou inadmissíveis em termos morais, aquilo que nos leva ao processo argumentativo. O contrário só nos poderá conduzir a um silenciar dogmático e imobilizador, quer por medo de ofender ou criar suscetibilidades, quer por não nos queremos envolver em discussões que possam pôr em causa as crenças alheias. No entanto, é precisamente esta posição de crítica a crenças não fundamentadas, que permitirá conduzir a novas crenças mais esclarecidas, permitindo abandonar pontos de vista falsos e até, em muitos casos, imorais. Caso bem diferente seria se estivéssemos perante uma situação causadora de um dano, nomeadamente por incitamento à violência, que conduzisse a prejuízos físicos ou morais.

Rushdie afirma que “(...) limitar a liberdade de expressão é censura, mas é mais do que isso. É também um assalto à natureza humana, algo que nos impede de ser o tipo de criaturas que somos”. Restar-nos-ia agora questionar “que tipo de criatura somos”. Não sendo o propósito deste texto, adianto apenas que somos “animais filosóficos”, em que a busca do saber e da verdade nos marca de forma indelével. Por isso, limitar a liberdade de expressão, sem causar algum tipo de dano, será claramente impor uma limitação à nossa natureza.

Vera Vicente

## RETRATO FALADO com

Fernando Maria



1. **Nome:** Fernando Galvão Maria
2. **Dia do aniversário/signo:** 28 de setembro / Balança
3. **Onde nasceu:** Vale da Figueira, Santarém
4. **Lugares onde viveu:** Vale da Figueira, Lisboa, Santarém
5. **Filhos/netos:** nem filhos, nem netos
6. **Uma viagem sonhada:** Veneza, Itália
7. **Se viajasse no tempo, queria ir ao passado ou ao futuro?** Ao passado
8. **Profissão:** sou um agricultor desempregado
9. **O que gostaria de ter sido:** engenheiro eletrotécnico, frequentei até ao 4º ano
10. **Profissão que nunca teria:** cirurgião
11. **Seu maior talento:** gosto de ler
12. **Sua maior qualidade:** tenho uma paciência de Jó
13. **Seu maior defeito:** excessivamente humilde
14. **Hobby favorito:** colecionar moedas e notas de dinheiro
15. **Uma mania:** sou perfeccionista
16. **Uma paixão:** ler livros policiais
17. **Música preferida:** adoro os brasileiros, Maria Bethânia, Chico Buarque, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Gal Costa, etc.
18. **Filme inesquecível:** Era uma vez na América
19. **Livro que não esquece:** O Nome da Rosa
20. **Animais de estimação:** tenho um gato chamado Julião
21. **Gosta mais do verão ou inverno?** Verão
22. **Prato preferido:** Mariscos em geral
23. **Comida que detesta:** carne de carneiro
24. **Se acertasse a lotaria, o que faria com o dinheiro?** Distribuiria uma grande parte entre os amigos, guardaria um pouco para mim e apoiaria as instituições de terceira idade
25. **Primeira coisa em que pensa quando acorda:** estou vivo!
26. **Uma saudade:** a minha mãe
27. **Um arrependimento:** não ter acabado o curso de Engenharia
28. **O que aprendeu na escola e nunca esqueceu:** a tabuada
29. **O que é mais importante na UTIS?** O convívio, a aprendizagem e o partilhar do saber.

## Quinta-feira da Espiga

A festa da Ascensão assinala a Ascensão de Jesus ao céu. É uma festividade ecuménica, comemorada por outras igrejas cristãs, tal como acontece com as celebrações da Semana da Paixão, a Páscoa e o Pentecostes. Na Igreja Católica é conhecida também como Solenidade da Ascensão do Senhor e é tradicionalmente celebrada quarenta dias após a Ressurreição de Cristo. Lá ensina o povo: “Da Páscoa à Ascensão quarenta dias vão!”

Alguns costumes ou rituais deste dia estão ligados à liturgia da festa, como a bênção dos grãos e das uvas depois da comemoração dos mortos no Cântico da Missa, a bênção dos primeiros frutos, realizada também nos “dias de rogação”, a bênção da vela, o uso de mitras por diáconos e subdiáconos, o apagamento do Círio Pascal e as procissões triunfais com tochas e faixas atravessando comunidades para celebrar a entrada de Cristo no céu.

A tradição mais comum é a que se relaciona

com a colheita do ramo de espiga, ao qual são atribuídos “poderes de virtude benfazeja”, constituído por espigas de trigo, raminhos de oliveira, papoilas, malmequeres brancos e malmequeres amarelos, guias de videira e rosmaninho – sempre em número ímpar em relação a cada um destes elementos.

Colhido o ramo, de preferência entre o meio-dia e a uma hora, devem rezar-se três avé-marias e três pais-nossos, sendo que em certas zonas do Alentejo, respeitando-se a sacralidade deste momento, considerado o tempo mais benéfico, colhem-se cinco espigas de trigo, cinco folhas de oliveira e o maior número possível de flores silvestres brancas e amarelas. Enquanto se procede à recolha, rezam-se cinco avé-marias, cinco pais-nossos e cinco gloria patri, “para nesse ano haver em casa trigo, azeite, ouro e prata”. Essencialmente, fazem-se votos para que não falte no lar da família a alimentação, o vinho, a paz, a alegria, a harmonia e a saúde.

O ramo de espiga guarda-se dentro de casa, por vezes atrás da porta ou junto de uma

imagem religiosa, aí se conservando até ao ano seguinte, quando for substituído pelo novo ramo, servindo de talismã com “virtudes de protecção e esconjuro”.

O dia da espiga era também o “dia da hora” e considerado “o dia mais santo do ano”, durante o qual não se devia trabalhar. Dizia-se nas aldeias do sopé da Serra do Montejunto que “na quinta-feira de espiga há uma hora em que os pássaros não vão aos ninhos, as águas dos ribeiros não correm, o leite não coalha e o pão não leveda”. Era também nessa hora que se deviam colher as ervas medicinais.

Neste dia de guarda, num tempo em que os feriados eram escassos, camponeses e pescadores não trabalhavam. De manhã faziam-se os preparativos para a merenda e pela tarde, numa zona aprazível do campo, e depois de apanhado o ramo da espiga, rapazes e raparigas merendavam enquanto algum tocador mais divertido ia tocando umas modas, num roufenho harmónico ou num píforo de cana, e logo se armava um bailarico.

Ludgero Mendes

## Maria Callas

Continuando a nossa viagem pelo mundo da cultura e da arte, vamos falar de Maria Callas, a grande, senão a maior, soprano do mundo da ópera e do canto lírico no século XX.

Callas nasceu em Nova Iorque em 1923, numa das muitas famílias de imigrantes gregos que tentavam fazer a vida na América. Sem conseguir superar as enormes dificuldades da época, seus pais voltaram para a Grécia quando Maria ainda era pequena, e foi lá que iniciou os estudos de canto. A sua voz de um timbre raríssimo – “soprano absoluto” – logo chamou a atenção e na década de 1940 já dava os primeiros passos no mundo da ópera. Em 1948 teve o seu primeiro grande sucesso, como protagonista de Norma, de Bellini.

Em pouco tempo, destacava-se no circuito dos grandes teatros, como o Scala (Milão), Metropolitan (N. Iorque), Royal Opera House (Londres), Colón (B. Aires) e tantos outros em muitos países. A força dramática da sua personalidade também contribuiu para criar em torno dela uma verdadeira aura de “diva”, ou seja, uma estrela única, incomparável, capaz de interpretações memoráveis. Por outro lado, fê-la angariar fama de prima-donna, ciente da sua grandeza, mas nem sempre disposta a facilitar o convívio com os seus pares ou com as equipas envolvidas nos espetáculos.

Ironicamente, a vida pessoal de Maria Callas teve um enredo semelhante aos vários dramas e tragédias representados nas cenas operísticas. Entre 1949 e 1959 esteve casada com seu empresário, G. B. Meneghini. Divorciou-se para se juntar ao grande amor da sua vida, o milionário grego Aristóteles Onassis. Entre altos e baixos, e não sem alguns escândalos,

Maria viu a sua vida despedaçar-se quando, em 1968, Onassis simplesmente anuncia o seu casamento com Jacqueline Kennedy, a viúva do ex-presidente norte-americano John Kennedy. Inconformada e



destruída, Maria já não sente vontade de cantar. Retirou-se dos palcos e viveu sozinha num apartamento em Paris, até à sua morte por enfarte em 1977.

Para gáudio dos portugueses, em 27 de março de 1958 Maria Callas estreou a ópera La Traviata, de Verdi, no Teatro São Carlos de Lisboa. Será que algum dos nossos colegas da UTIS se lembra desse acontecimento? Ou, melhor ainda, será que alguém teve o privilégio de assistir à Callas? Respostas, por favor, para: [jornalutisonline@gmail.com](mailto:jornalutisonline@gmail.com)

Rejane Wilke